



Jornalismo Literário Contemporâneo: As semelhanças e divergências na obra de Caco Barcellos¹

Daiane Balão BRITES²
Elise Azambuja SOUZA³
Fábio Souza da CRUZ⁴

Universidade Federal de Pelotas - UFPel

Resumo

O presente artigo tem por objetivo apresentar uma análise da obra do jornalista e escritor Caco Barcellos, a partir da observação dos principais pontos semelhantes e divergentes na construção dos livros-reportagem Rota 66 e Abusado. Fugindo dos preceitos que baseiam a atividade do jornalismo diário, os elementos da reportagem investigativa vão além da objetividade e imparcialidade e fundamentam também o trabalho de Caco Barcellos, na composição destas obras que representam um marco para o jornalismo contemporâneo no Brasil e que apesar de apontarem para um mesmo padrão literário e investigativo, tem diferenciações quanto à abordagem e propósito.

Palavras-chave

Jornalismo Literário; Jornalismo Investigativo (¿); Rota 66; Abusado.

1. Introdução

A lógica da indústria cultural e o modelo jornalístico norte-americano, surgidos no final do século XIX, ainda hoje regem a prática jornalística e parecem ter instituído, definitivamente, o lide como principal característica do jornalismo contemporâneo. Focado na objetividade, velocidade, e principalmente no poder de comercialização, os relatos dos fatos ocorrem de forma padronizada, privilegiando informações compiladas e legitimadas por fontes oficiais que são distribuídas em serialização pela imprensa. Essa abordagem rasa e direta é necessária para a manutenção, lucratividade e popularização dos grandes veículos midiáticos, mas empobrecem o trabalho jornalístico tanto em sua investigação quanto em sua narratividade, limitando a compreensão do leitor à superficialidade dos acontecimentos, negligenciando o contexto, os personagens e os conflitos essenciais para a construção e percepção de qualquer história.

Os jornalistas, salvo raras exceções, estão inseridos nesse círculo vicioso.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

² Acadêmica do 5º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: elise.as@hotmail.com

³ Acadêmica do 5º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: daianebrts@hotmail.com

⁴ Doutor em Comunicação Social. Docente do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: fabiosouzadacruz@gmail.com



Produzindo trabalhos impessoais e descartáveis, que simplesmente se encaixem ao espaço a eles destinado, e cumpram seu papel econômico nas empresas de comunicação, que valorizam cada vez mais a publicidade em detrimento do produto noticioso negligenciando assim, seu papel como agente transformador na sociedade.

“O que deveria ser uma profissão ligada às causas da coletividade vem se transformando, salvo raras e boas exceções, em um palco de futilidades e exploração do grotesco e da espetacularização” (PENA, Felipe, 2005). Alguns profissionais diferenciam-se deste padrão, por não adotarem ou não se limitarem a esse perfil padronizado, produzindo trabalhos diferenciados e aproximando-se do ideal do jornalismo em sua essência.

Para BULHÕES (2007, p.11), sintetizando, o jornalismo possui as seguintes características:

De modo provocativo, pode-se dizer que o jornalismo possui uma natureza presunçosa. Definindo-se historicamente como atividade que apura acontecimentos e difunde informações da atualidade, buscando captar o movimento da própria vida. Sendo de sua natureza tomar a existência como algo observável, comprovável, palpável, a ser transmitido como produto digno de credibilidade. Com isso, prestaria, ou desejaria prestar, uma espécie de testemunho do real, fixando-o e ao mesmo tempo buscando compreendê-lo. Seria, então, o jornalista uma espécie de historiador da vida contemporânea, diariamente compartilhada.

2. Caco Barcellos: O autor e sua obra

Em nossa contemporaneidade, o jornalista-escritor Caco Barcellos destacou-se ao escrever duas das obras mais relevantes, tanto para a imprensa quanto para o meio acadêmico, do gênero livro reportagem no Brasil.

Seguindo a afirmativa de Edivaldo Pereira Lima (2008), pode-se afirmar que o conteúdo de suas narrativas corresponde ao real, e envolve a linguagem, a montagem e a edição do texto. Observando aspectos inerentes da nossa sociedade, Caco Barcellos não se deteve ao padrão superficial adotado pelo jornalismo televisivo do qual faz parte, e aprofundou-se aos temas. Investigando seus meandros e personagens, inserindo-se no universo vivenciado por eles a fim de compreender a complexidade dos problemas ignorados pela grande maioria da população e descartado pela grande mídia.

O hibridismo do jornalismo literário e o grande exercício investigativo presente em seus livros dão a dimensão da grandiosidade e da dificuldade do trabalho deste notório jornalista que se fez respeitado também como escritor após a publicação de seus trabalhos literários. “Difícil encontrar um escritor que não seja jornalista, e a história do



jornalismo conta com múltiplas participações diretas de escritores, tanto na gênese do meio de comunicação como em seu desenvolvimento” (MONTORO, 1973, p. 44).

Sua obra é amplamente trabalhada no meio acadêmico, gerando diversas análises sobre seus métodos e práticas, sendo tema de diversos estudos acerca da comunicação. Contribuindo assim, para uma nova visão do papel jornalístico na atualidade e influenciando na formação de novos jornalistas. Seus livros também integraram o currículo de diversas escolas da periferia de grandes cidades brasileiras e foram indicados como leitura obrigatória da Faculdade paulista Cásper Líbero.

Em sua atuação como jornalista, Caco Barcellos especializou-se em jornalismo investigativo, documentários e grandes reportagens sobre direitos humanos, injustiça social e violência no Brasil e no mundo. Fez parte da imprensa alternativa durante a ditadura militar brasileira e cobriu de conflitos armados a catástrofes naturais.

Ganhou inúmeros prêmios, como o “Vladimir Herzog” pela produção de reportagem sobre os vinte anos do atentado militar ao Riocentro. Recebeu dois prêmios “Jabuti” pelos livros-reportagem Rota 66 e Abusado. Também é autor de Nicarágua: A revolução das crianças, sobre o movimento sandinista. Foi escolhido o melhor repórter do Brasil por um júri formado por 60 mil jornalistas em voto livre pela internet, e recebeu o “Prêmio Especial das Nações Unidas” como um dos jornalistas que mais se destacaram no mundo nos últimos 30 anos.

Rota 66 e o Abusado, além de prêmios e perseguições, lhe renderam um grande sucesso junto à crítica e aos leitores que reconheceram o valor dos livros-reportagem, quanto a sua função informativa e riqueza literária.

Em certo sentido, isso (a boa aceitação do público pelos livros de vida real) põe em xeque a ideia consagrada da preferência da ficção junto às necessidades simbólicas do leitor, uma vez que aparentemente seu interesse migrou para obras dedicadas à documentação da realidade vivida (...). O arremate inequívoco desse fenômeno aparenta ser o que viabiliza o estreitamento dos laços entre literatura e jornalismo. (BULHÕES, 2007, pg. 168).

De família humilde, nasceu na periferia de Porto Alegre, onde vivia em meio à violência e a desigualdade social (como cita em Rota 66), estudou em escola pública e enfrentou todas as dificuldades inerentes a sua classe social. Exerceu diversas profissões, inclusive a de taxista para pagar a faculdade, e entrou para o jornalismo por acaso, após ter um exemplar do jornal que ele elaborava para a faculdade, comprado por um jornalista que gostou da publicação e o convidou para fazer parte de sua equipe.



Trabalhou nos mais importantes veículos de comunicação do país, como as revistas Isto é e Veja e, atualmente é funcionário da TV Globo, maior emissora televisiva brasileira.

Construiu uma carreira, que hoje lhe permite, mesmo estando ligado a uma empresa que não foge às práticas comerciais de consenso, desenvolver um trabalho distinto dos demais programas baseados no sensacionalismo e na manipulação. Em seu programa de TV, o Profissão repórter, ele expõe as dificuldades que o profissional de comunicação enfrenta em busca de grandes reportagens e mostra a realidade dos bastidores da notícia.

3. O jornalismo literário

Em 1966, Truman Capote lançou o livro que se tornaria a obra-prima do *New Journalism*, ou jornalismo literário, e o consagraria como um dos principais expoentes do gênero. A Sangue Frio, ainda hoje é objeto de estudo em vários cursos de comunicação, e referência em termos de análise e comparação as demais obras de mesma classificação. Capote abriu para o jornalismo uma nova possibilidade e influenciou diversos jornalistas-escritores a adotarem este novo estilo, após dedicar mais de seis anos de sua vida investigando um crime que ele tomou conhecimento por uma pequena nota de jornal.

Ao fazer isso ele inverteu a lógica vigente, aproximando as técnicas jornalísticas do universo literário e passou a ser também considerado um “escritor literário que buscou na prática jornalística uma nova experiência de realização literária” (BULHÕES, 2007, p. 155). Foi a partir de então que surgiu o cenário em que jornalistas não buscam apenas o sonho de se tornarem escritores ficcionais, mas passam a buscar a literatura por meio da prática jornalística, ou seja, desejam que as suas reportagens, relatadas em formato de livro, tornem-se literárias, atemporais, rompendo assim com as dicotomias entre os gêneros literário e jornalístico.

O novo jornalismo, embora possa ser lido como ficção, não é ficção. É, ou deveria ser, tão verídico, como as mais exatas das reportagens, buscando uma verdade mais ampla que a possível através da mera compilação de fatos comprováveis, o uso de citações e a adesão ao rígido estilo mais antigo. O novo jornalismo permite, na verdade exige, uma abordagem mais imaginativa da reportagem e consente que o escritor se intrometa se o desejar, conforme acontece com frequência, ou que assuma o papel de observador imparcial, como fazem os outros, eu inclusive. (Talese, citado por Brum, 2011).



Em 1973, Tom Wolf, um dos precursores do jornalismo literário, nomeou o gênero e destacou seus recursos-base: O ponto de vista, a reconstrução das cenas, o registro de diálogos e a profunda caracterização dos personagens. Assim como Truman capote e Gay Talese, Wolfe fazia parte de um grupo de jornalistas insatisfeitos com a fórmula engessada do lide que proporam uma ruptura com as velhas técnicas de reportagem e investiram em uma renovação nos métodos de apuração, narrativa e linguagem. Buscando através da exaustiva apuração dar consistência ao trabalho jornalístico, e utilizando-se dos artifícios literários para fugir a regra da pura objetividade, que exigia textos diretos e imparciais.

As coisas mais importantes que se tentava em termos de técnica dependiam de uma profundidade de informação que nunca havia sido exigida do trabalho jornalístico. Só através das formas mais investigativas de reportagem era possível, na não-ficção, usar cenas inteiras, diálogo extenso, ponto de vista e monólogo interior. (WOLFE, 2005, p.38)

A relevância de *A Sangue Frio* para os autores do *New Journalism* pode ser observada a partir de semelhanças percebidas em obras atuais como *Rota 66* e *Abusado*, onde observa-se que o autor, Caco Barcellos, propositalmente ou não utiliza-se dos mesmos elementos empregados por Truman Capote na construção de sua narrativa, como: Onisciência do narrador, fluxo de consciência, descrição e ambientação minuciosas e diálogos fluentes. Além dos intensos anos de dedicação que também foram necessários para devassar a história da polícia que mata e dos traficantes que reinavam em uma favela carioca.

3. Rota 66

Rota 66 traça um perfil da violência e brutalidade praticada pela ROTA – Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar - batalhão especial da polícia militar de São Paulo, a partir do relato da morte de três jovens da alta classe paulista. Caso que dá título ao livro por ser o primeiro em que uma equipe da rota mata pessoas pertencentes à minoria abastada do país. Esta é uma das muitas conclusões a que chegou o autor após criar um banco de dados “com o objetivo de conhecer as características das vítimas e as circunstâncias em que elas são mortas pela polícia militar” (BARCELLOS, 2002, p.67).

Baseado em informações extraídas de diversas fontes alternativas e oficiais, Barcellos formou um denso banco de dados que o leva a constatações aterradoras que são reveladas nos 23 capítulos da obra.



3.1. Banco de Dados

Logo no início de seu trabalho investigativo, Caco Barcellos percebeu a dificuldade que teria em acessar informações públicas. O que o levou a formar um banco de dados próprio que o conduzisse ao seu objetivo: Um levantamento das mortes que envolvessem a ROTA durante o período de 1970 a 1992, ou seja, do auge da ditadura militar até a consolidação dos direitos civis e políticos no final do governo Collor. Para sua formação, ele contou com a ajuda de estudantes da área e utilizou-se, desde o início, de duas fontes principais que nortearam seu trabalho, além de outras duas que passaram a ser exploradas no decorrer da pesquisa.

3.2. Fontes de informação

- Arquivo do jornal Notícias Populares ou NP: o NP reproduzia, na maioria dos casos, o boletim de ocorrência ou a nota oficial divulgada pelo Serviço de Relações Públicas da PM (Polícia Militar). Fornecendo assim ao jornalista, a versão oficial dos casos de morte envolvendo policias militares que eram divulgados.

Depois de examinarmos mais de 8 mil edições do NP, era necessário arquivar as informações em computador. Já tínhamos um resumo das notícias sobre mais de 3200 tiroteios envolvendo pessoas suspeitas e policiais militares. Nesta fase de investigação o número de mortos civis era compatível ao de uma guerra. Uma estranha guerra onde é raro, muito raro, haver sobreviventes. De todos os tiroteios noticiados pelo NP, apenas 28 acabaram com feridos entre as vítimas. Nenhum civil sobreviveu na impressionante maioria de 3.188 tiroteios. (BARCELLOS, 2002, p. 118).

- Relato dos familiares das vítimas: fonte das primeiras informações da pesquisa. Barcellos extraía dos parentes das vítimas qualquer informação que pudesse fornecer algum detalhe para contextualizar os crimes. “Desconfiamos, a partir de denúncia de parentes, que deveria haver alguma coisa por trás da coincidência de os PMs matarem tantos desconhecidos” (Barcellos, 2002, p. 120).
- Arquivos do Instituto Médico Legal de São Paulo (IML): visando conhecer melhor as vítimas, o repórter buscou informações complementares nos documentos do IML, guiado pelas informações já obtidas nos arquivos do NP. “A maior parte das descobertas, no entanto, veio do laudo de exame de cadáver e do telex com o resultado com o resultado dos exames das impressões digitais.” (Barcellos, 2002, p. 126).



- Relato dos sobreviventes dos tiroteios: meio mais difícil por serem raras, as entrevistas com os sobreviventes forneciam detalhes desconhecidos e confirmavam as descobertas anteriores, embora não constituíssem prova cabal embasaram ricamente a investigação. “Missão: encontrar sobreviventes. Objetivo: descobrir as circunstâncias em que as vítimas são mortas pelos matadores da PM.” (Barcellos, 2002, p. 260).

3.3. Conclusões

- 65 por cento das vítimas da PM que foram identificadas eram inocentes.
- A cada dez pessoas mortas pelos policiais militares, menos de quatro tiveram participação em algum crime.
- Incrível desproporção entre o número de policiais e civis mortos.
- O componente racista. Do total de 3944 vítimas que tiveram a cor da pele identificada, 1.932 eram brancas e 2.2012 negras e pardas. Sendo que na época do levantamento o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) apontava uma proporção racial de 74 por cento de brancos para 22 por cento de negros e a maioria dos assaltantes, 60 por cento, e estupradores, 68 por cento, são brancos, ou seja, os negros e pardos mesmo sendo inocentes eram mortos.
- A maioria das vítimas possuía baixa renda. Das 3.812 pessoas que tiveram sua ocupação identificada, a maioria era constituída de operários e ajudantes de obras, moradores da periferia.
- A manipulação dos fatos pela PM. Os assassinos alteravam as cenas do crime, prestavam falso socorro às vítimas e plantavam provas inexistentes com o intuito de transformar as vítimas em culpados e justificar seus crimes, com a aprovação de seus superiores, deturpando assim, o real retrato da violência praticada na cidade.

Os dados descobertos durante a extensa pesquisa e investigação, resultado do confronto do banco de dados, formado ao longo dos anos, com os arquivos da justiça civil, transformaram meras especulações em fatos, e apontaram a classe social e a raça como fatores determinantes na escolha das vítimas da polícia militar paulistana, em sua grande maioria, constituída por inocentes sem qualquer antecedente criminal, mas desprovidas de meios econômicos que os tornassem cidadãos aos olhos do poder público.



A ROTA matava, alterava as cenas dos crimes, forjava informações e transformava vítimas em criminosos para encobrir seus métodos cruéis e elevar o nome da corporação. Tudo com a conivência da imprensa, que negligenciava os acontecimentos provenientes da camada mais pobre da população, mesmo que eles fossem evidentes, em uma guerra sem inimigo declarado que matou mais do que os principais conflitos armados na história do Brasil. “Sou novato na profissão, mas já constato que na cobertura de assuntos policiais a imprensa também dá um tratamento diferenciado às pessoas pelo critério da sua condição social.” (Barcellos, 2002, p. 26).

O autor não julga nem omite as ações criminosas cometidas pelos personagens descritos, mas expõe o quanto esta realidade é distorcida para servir aos interesses de policiais, jornalistas, advogados, radialistas, políticos e integrantes do Poder Judiciário.

Rota 66- A História da Polícia que Mata é um livro-reportagem de denúncia, que evidencia a preocupação do seu autor com a violência e a injustiça social praticada pelos órgãos públicos contra pessoas indefesas que estão à margem da sociedade pela sua condição social e, a hipocrisia das classes dominantes que fecha os olhos ao que não lhe atinge, mas prega uma cultura de não violência.

Barcellos também se mostra capaz de dominar o fluxo de consciência e de desenvolver diálogos fluidos, a fim de humanizar seus personagens e induzir seu leitor a perceber e sentir o que está implícito nas ações. Baseado no perfil das vítimas, ele monta a narrativa com a maior verossimilhança possível. “Pancho esqueceu fácil o desentendimento com Gomalina. Mas, para irritação de Augusto, ainda não esqueceu a raiva contra outro inimigo eventual, Roberto Veras.” (Barcellos, 2002, p. 30).

Os detalhes dos lugares, os sentimentos dos envolvidos, os movimentos dos personagens, tudo é descrito por Caco. Desta forma, mesmo que a descrição não seja precisa, é possível que haja coerência e plenitude na percepção das cenas. “A mulher se arrasta 2 metros pelo assoalho da sala. Abre a porta do armário de fórmica. Tateia o fundo à procura de alguma coisa no meio das louças e objetos pessoais da família. Encontra uma pequena caixa de papelão e a joga para perto de Oseas.” (Barcellos, 2002, p. 205).

É necessário ressaltar, que diferentemente da maioria das obras não ficcionais, Rota 66 é um livro de opinião, que inegavelmente retrata a indignação de seu autor. A narrativa é feita em primeira e terceira pessoa, ora explanando as impressões, sentimentos e constatações de Barcellos, ora retratando os dramas vividos por seus



personagens. Reconstituindo cenas e diálogos e dando voz aos protagonistas da trama, como se eles próprios contassem suas histórias.

4. Abusado, o dono do morro Dona Marta

Em seu terceiro livro Caco Barcellos investiga uma quadrilha e suas histórias de morte, guerra, traições e fugas. *Abusado - O Dono do Morro Dona Marta*, relata ao longo de seus 38 capítulos, a história de Juliano VP, nome fictício de um dos mais famosos traficantes das favelas cariocas. Desde sua adolescência, quando entrou no mundo do crime, passando por todos seus momentos de chefe do tráfico até chegar ao seu fim.

Como as favelas brasileiras são dominadas por facções, qualquer entrada é controlada, e foi assim que Marcinho VP, nome real do criminoso do livro, ganhou notoriedade no Brasil após autorizar a entrada e fazer a segurança de Michael Jackson para a filmagem de um de seus clipes em meados dos anos 90. Aproveitando a repercussão de seu morro, Marcinho deu entrevista para várias emissoras de rádio e televisão, mas com a condição de que estas não revelassem nenhum segredo do tráfico.

A polícia do estado do Rio de Janeiro ficou em alerta depois de analisar todas as entrevistas, e colocou VP no topo da lista dos traficantes mais procurados. Para amenizar qualquer suspeita, ele mostrou ter uma grande preocupação social, com discurso de projetos para a melhoria de vida do povo do Morro Dona Marta. Assim começou sua proximidade com Caco Barcellos, que passou a encontrá-lo na clandestinidade.

A partir de todos os dados fornecidos pelo bandido, o jornalista escreveu uma biografia onde conta a história de Marcinho, chamado pelo pseudônimo Juliano VP para não ser confundido com outro bandido homônimo, também citado na obra. Desde a ascensão no tráfico de drogas, ele relata a histórica ocupação do morro pelo Comando Vermelho, principal facção criminosa do estado do Rio de Janeiro.

Paralelo as ações da quadrilha, são desenvolvidos capítulos contando como a comunidade do Dona Marta vivia em meio a violência, organizaram mutirões para melhoria das condições de vida, que tiveram como resultado, por exemplo, chegada de água e luz para a população, e de onde essas pessoas tiravam esperança para seguirem suas vidas apesar de estarem inseridas em um mundo rodeado de brutalidade, tanto do lado dos bandidos quanto do lado dos policiais. Barcellos utiliza-se de uma linguagem



branda, mas muito rica, remetendo não só a abordagem intimista de Capote, como também o estilo fulgurante de Tom Wolfe, um dos fundadores do *New Journalism*.

No relato, destaca-se o fato de Marcinho VP ter grande consciência social e o seu crescente desejo de mudar a realidade da população do morro. Ele acreditava que 80% das pessoas que entravam para o mundo da bandidagem não estavam no tráfico por escolha, e sim por falta de opção, por ser o único meio de sobrevivência possível na comunidade. Mesmo sendo um dos chefes do tráfico, o protagonista lia muito, embora não fosse bom escritor, e tinha ídolos como Che Guevara. O protagonista além de estar ligado ao Comando Vermelho, mantinha parcerias com outras guerrilhas, como os Amigos dos Amigos e o Terceiro Comando. Ele dizia ter um sonho, de sair do morro em busca de uma vida descente, mas seu maior medo é que traficantes de quadrilhas inimigas tomassem posse do Dona Marta, e acabassem prejudicando toda a população, que apesar de tudo era uma grande preocupação do bandido.

Mesmo conseguindo fugir por diversas vezes das mãos dos policiais, em uma emboscada Marcinho VP foi preso, e teve que pagar as consequências de ter revelado muitos segredos das facções e, apesar de ter muitos inimigos, acabou sendo morto na prisão por outros líderes do próprio Comando Vermelho.

Dividida em três partes, a narrativa evidencia a aproximação de seu autor com o personagem, romaneando suas ações, condenáveis pelo senso comum, de forma a justificar seus atos criminosos através de sua vitimização pelo sistema vigente, dominado pela injustiça social. A construção biográfica de VP é apresentada como o resultado não só de uma longa investigação, como também da interpretação do próprio escritor, que inserido no meio que descreve, vivencia parte da realidade da comunidade e busca, através do livro, alcançar a compreensão através de uma amostragem do que presenciou.

Diretamente ligada à emotividade, a humanização se acentuará na medida em que o relato for feito por alguém que não só testemunha a ação, mas também participa dos fatos. O repórter é aquele “que está presente”, servindo de ponte (e, portanto, diminuindo a distância) entre o leitor e o acontecimento. Mesmo não sendo em 1º pessoa, a narrativa deverá carregar em seu discurso um tom impressionista que favoreça essa aproximação. (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 15).

5. Rota 66 e Abusado: Semelhanças e divergências na obra de Caco Barcellos

Caco Barcelos em sua jornada como jornalista-escritor tomou para si o desafio de narrar às complexidades de uma nação e promover a denúncia social. Fugindo do



óbvio mercado midiático plastificado, para desmistificar preconceitos sociais estabelecidos pelo senso comum, tão manipulável.

Em seus livros-reportagem, Barcellos foge aos preceitos do jornalismo industrializado de objetividade, imparcialidade e isenção, mas mantém o objetivo principal de qualquer jornalista: informar. Mas utilizando seus próprios meios, a denúncia e a execração do formalismo social. Desafiando o leitor, a enxergar o mundo de realidades subversivas que é mascarado pela superficialidade adotada pela imprensa, pelo poder público e pelo conformismo socialmente conveniente.

O jornalismo industrializado oferece, portanto, informações ditas objetivas e claras para serem consumidas por leitores obedientes, resignados, submissos, semimortos. Se os chamo de semimortos é porque um leitor que quer ler notícias claras e objetivas é um leitor sem desejo, sem paixão, um leitor que não quer envolver suas emoções, suas experiências, sua subjetividade, no ato da leitura. Quero acreditar que esse leitor não existe como sujeito; que só pode existir no imaginário das sociedades de consumo industrial. (DRAVET, Florence in CASTRO; GALENO, 2002, p. 87).

A reportagem investigativa, principal característica do trabalho de Barcellos, é a base de duas de suas principais obras: Rota 66 e Abusado, apontam para um mesmo padrão literário, estético e investigativo, mas divergem quanto a sua abordagem e propósito.

5.1. Semelhanças

A temática recorrente abordada nos livros de Caco Barcellos, diferentemente de outros autores, não aponta para uma adaptação das características intrínsecas do jornalismo ao universo literário. Ela pode ser atribuída ao seu estilo narrativo, responsável por diversos fatores comuns na construção das duas obras analisadas, como a riqueza nas descrições e diálogos, que conferem vividez as cenas pelos múltiplos detalhes. Além da semelhança estética na montagem das capas, tanto nas fotografias quanto na tipografia utilizada.

Os relatos encontrados em Rota 66 e Abusado também obedecem ao mesmo ritmo. Percebe-se que nos dois, da metade para o final do livro, Barcellos passa a descrever o processo de estruturação e composição que utilizou e, embora tenham volume de páginas e número de capítulos diferentes - o que pode ser justificado pela forma de abordagem adotada, já que Rota 66 é, basicamente, a exposição de um banco de dados exemplificados, e Abusado pode ser tido não só como a biografia de um traficante e seu bando, mas sim de toda uma comunidade – ambos são divididos em três



partes: o primeiro, em “Rota 66”, “Os matadores” e “Os inocentes”, e o segundo, em “Tempo de viver”, “Tempo de morrer” e “Adeus às armas”.

Evidencia-se pela exposição do cruzamento de fontes oficiais e informais, a preocupação e o cuidado de Barcellos com a checagem das informações, prática essencial no exercício do jornalismo ético, e responsável por demandar anos de dedicação na concepção e construção das publicações.

5.2. Divergências

As divergências percebidas quanto ao seu recurso comunicativo deve-se principalmente aos diferentes objetivos e métodos empregados nos métodos de pesquisa, investigação e criação das obras. Rota 66 é um trabalho quantitativo, baseado em informações levantadas e armazenadas em um banco de dados, com uma grande preocupação com números e estatísticas que pudessem formular provas contra seus acusados, utilizando-se de vários auxiliares na compilação de informações de fontes distintas. Enquanto que Abusado foi construído através da vivência que o próprio escritor teve no morro junto aos seus personagens, sendo mais simplificado e denso, focado no ser humano e em suas trajetórias de vida.

A dissonância nos objetivos das obras exerce influência direta na principal característica presente nas narrativas: A identificação dos personagens. Em Rota 66, nomear vítimas e matadores é essencial para a precisão do mapeamento da violência com credibilidade. Em Abusado, para evitar represálias, é necessário que os personagens tenham seus nomes trocados, o que não interfere no discurso, já que a intenção não é identifica-los e sim, personifica-los pelos seus papéis perante a sociedade.

6. Considerações Finais

A real relevância destas obras, não está em sua forma, nem nas técnicas utilizadas em sua formação, e sim, ao que elas acrescentaram ao jornalismo e a sociedade brasileira. Em meio a suas diferenças e semelhanças, ambas cumprem o seu papel de denúncia e esclarecimento, pois percebe-se o esforço do autor, em revelar partes obscuras da sociedade para si mesma, através de denúncias de questões sócias, que em diferentes proporções, atingem a todos os cidadãos.



Dessa forma, o jornalismo, em toda sua profundidade, consegue construir uma representação do real, propondo-se a apresentar um retrato minucioso da nação, recheado de detalhes que somente um acompanhamento muito próximo do cotidiano dos personagens, ou um longo e árduo processo de investigação teria a capacidade de oferecer. “Ou seja, a vivência jornalística é assumida nos termos de uma literatura que incorporará as forças do gênero essencial do jornalismo, a reportagem, no interior de uma expressão esteticamente poderosa” (BULHÕES, 2006, pág. 182).

As obras convergem para uma mesma proposta: a de que conceitos pré-estabelecidos por si só não se sustentam, e desconstrói a imagem estereotipada de mocinho e bandido, mostrando que policiais, que tendem a ser retratados como heróis da justiça, também podem ser tomados pela crueldade, perversidade e ironicamente injustiça. Que um traficante pode ter mais humanidade e senso de bem comum do que um agente do estado, que em um morro tomado pelo narcotráfico e com suas próprias leis, pode haver mais civilidade do que no asfalto urbanizado entregue ao poder público, e que o contexto de uma história, fatalmente decidirá seu desfecho.

7. Referências bibliográficas

BARCELLOS, Caco. **Abusado**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BARCELLOS, Caco. **Rota 66**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BRUM, Liciane. **A convergência entre jornalismo e literatura nas reportagens televisivas: Uma análise de “A terra do meio”**. 2011. (Trabalho de conclusão de curso em graduação em comunicação social- jornalismo, Área de ciências sociais) Centro Universitário Franciscano. Santa Maria, 2011. Disponível em: <http://lapejor.files.wordpress.com/2011/04/tfg-final.pdf> Acesso: 2014

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e Literatura em Convergência**. São Paulo: Ática, 2006.

CASTRO, G.; GALENO, Alex (Org). **Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra**: São Paulo: Escrituras, 2002.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**. Barueri: Manole, 2008.

MONTORO, Jose Acosta. **Periodismo y Literatura**. Madrid: Guadarrama, 1973.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

SODRE, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. 3. Ed. São Paulo: Summus, 1986.



WOLFE, Tom. **Radical chique e o jovo Jornalismo**, 2ª edição. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.